



## Apagão monstro expõe fragilidades do modelo Dilma

**Síntese:** *O maior apagão da história serve de alerta ao governo: o sistema elétrico brasileiro não é imune a riscos. As quedas de energia são bastante freqüentes; só neste ano já ocorreram 62 blecautes com mais de uma hora de duração no país. O modelo adotado desde 2004 tem contribuído para deprimir os investimentos em manutenção, e a retenção de verbas por parte do governo federal tem restringido o poder fiscalizador da Aneel. Nem o Ministério de Minas e Energia escapa: este ano teve quase R\$ 6 bilhões congelados no Orçamento. Os investimentos públicos no setor estão em patamar historicamente baixo: 0,13% do PIB. Como se não bastasse, a expansão futura tornará a matriz energética brasileira mais cara e poluente.*

O apagão de 10/11 deveria servir de alerta para o governo: nenhum sistema de energia está imune a riscos. O corte que afetou 18 estados e deixou 70 milhões de pessoas no escuro por até cinco horas indica que o setor elétrico brasileiro, embora robusto, apresenta fragilidades e deficiências. Cabe às autoridades entender a mensagem da realidade e agir, ao invés de escudarem-se em triunfalismos ociosos.

Um par de semanas antes de a escuridão se abater sobre o país, a ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, garantira, com todas as letras: "Temos outra certeza: não vai ter apagão. É que nós voltamos a fazer planejamento." Caiu do cavalo e teve de explicar-se, dois dias depois do maior apagão da história brasileira: as câmeras de TV registraram a contrariedade e a irritação da ministra ao ver-se confrontada com sua infeliz declaração. Em sua soberba, Dilma ignorara o detalhe da realidade.

A explicação para a ira da ministra reside no fato de que, desde 2004, o sistema elétrico brasileiro funciona de acordo com um modelo criado à época em que ela ocupou o Ministério de Minas e Energia. Seus raros méritos e suas muitas carências são, portanto, um legado de Dilma, cujo primeiro teste para valer foi o apagão monstro de 10/11.

O atual modelo tem como principal marca a maior concentração de decisões nas mãos do Executivo federal. O que Dilma chama de "planejamento" para muitos não passa de maior discricionariedade em poder dos governantes de turno. Trocando em miúdos: o modelo atual dá aos gestores do sistema um controle muito maior sobre os agentes, permitindo-lhes arbitrar com mais facilidade ganhadores e perdedores.

O governo imiscuiu-se em quase todos os interstícios do setor elétrico. Retirou da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) o poder concedente; transformou a direção do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), um órgão privado, em feudo estatal; carregou para as contas do Tesouro recursos pagos pelos consumidores nas faturas de luz. O setor elétrico brasileiro tem peso descomunal do Estado e uma ingerência desproporcional do governo. Será isso salutar?

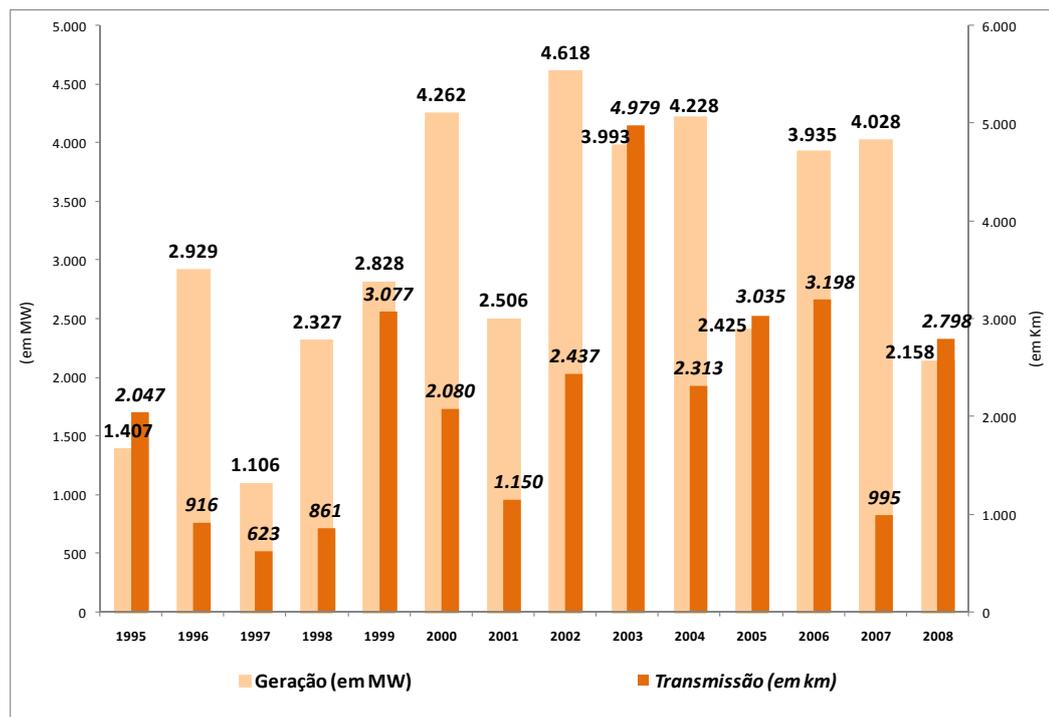
## Apagões frequentes

O que se viu naquela noite de terça-feira foi uma gestão deficiente de um sistema de proporções gigantescas. Não havia plano de emergência para dar conta de uma ocorrência como a que apartou os 28,8 mil megawatts (MW) produzidos por Itaipu do resto do sistema, algo inédito nos 27 anos de funcionamento da usina. Uma vez suspensa a transmissão da energia, mais da metade do país ficou às escuras.

Especialistas cobram a existência de um sistema de ilhamento capaz de impedir a propagação do corte por amplas extensões, como ocorreu em 10/11. Cabe, também, estimular a geração em diferentes locais e integrá-los à rede de forma a garantir autonomia regional em caso de crise. O uso de biomassa da cana de açúcar é uma das opções: há no país o suficiente para gerar 10 mil MW, o equivalente a uma usina do porte de Itaipu, mas quase nada aproveitado.

Fato é que, embora, em sua concepção de Brasil Grande, Dilma Rousseff tenha garantido que não haverá apagões, as quedas de energia no país são muito mais frequentes do que a ministra gostaria. Segundo o ONS, só neste ano foram 62 blecautes com dimensões significativas, ou seja, com mais de uma hora de duração e queda de carga de mais de 100 MW, suficiente para iluminar cidades com 400 mil habitantes. No ano passado houve 48 ocorrências desta natureza. As razões, segundo técnicos: falta de manutenção, erros de planejamento e fatores conjunturais, como desmatamentos e queimadas.

## Expansão do setor elétrico brasileiro



Fonte: Agência Nacional de Energia Elétrica

Pagamos hoje, literalmente, o preço do caminho trilhado a partir da adoção do modelo Dilma. As maiores vítimas têm sido as ações de manutenção e fiscalização, responsáveis por assegurar a confiabilidade de um sistema de geração, transmissão e distribuição de dimensões continentais.

### **Manutenção deficiente**

Um dos exemplos é o que vem ocorrendo em São Paulo, centro nevrálgico do sistema elétrico nacional, onde se consome 30% da energia do país. Desde o ano passado, o governo do estado vem alertando as autoridades federais sobre a insuficiência de investimentos em subestações e linhas de transmissão. A lista monta 14 obras prioritárias, duas delas na subestação Tijuco Preto, um dos supostos epicentros do apagão monstro. Sem elas, convive-se com um precário equilíbrio.

Mas as deficiências não estão apenas em São Paulo. Desde 2004 circulam no governo Lula uma série de documentos que alertam para a fragilidade do sistema de transmissão nacional. Os avisos vieram do ONS, da Controladoria Geral da União e até do Ministério do Planejamento. Também apontavam, insistentemente, a necessidade de melhoria da manutenção. Já o Tribunal de Contas da União viu na confusa sobreposição dos vários órgãos que hoje cuidam da gestão do nosso sistema elétrico uma ameaça de novos apagões.

Se a manutenção foi continuamente negligenciada, uma fiscalização mais eficiente poderia pelo menos prevenir parte dos riscos. Mas a Aneel, que tem a atribuição de monitorar o setor e inspecionar redes, usinas e subestações, foi posta de joelhos no governo petista: por ranços ideológicos, o órgão vem sendo continuamente sucateado.

Entre 2003 e 2009, o governo Lula bloqueou 55% dos R\$ 1,66 bilhão arrecadados pela Aneel a título de taxa de fiscalização dos serviços de energia elétrica. Este dinheiro é pago por todos nós, consumidores, nas faturas de energia e deveria servir para assegurar o bom funcionamento do sistema elétrico nacional. Mas o governo federal o utiliza para engordar o caixa único do Tesouro e fazer frente a sua desenfreada ganstança.

Consequência direta disso é que a Aneel possui apenas 76 fiscais de campo para vistoriar 450 subestações e 90 mil quilômetros de linhas que compõem o sistema elétrico brasileiro. Um exemplo emblemático: a subestação de Itaberá, provavelmente um dos focos do apagão de 10/11, nunca foi visitada pelos técnicos da agência.

### **Investimentos insuficientes**

Não é apenas a Aneel que é garroteada. Só neste ano, o Ministério de Minas e Energia teve R\$ 5,8 bilhões bloqueados pelo governo. É a pasta mais afetada por cortes, segundo levantamento da ONG Contas Abertas. Uma das consequências da incúria são os baixos investimentos públicos no setor: no ano passado, por exemplo, o governo federal destinou apenas 0,13% do PIB para obras no sistema elétrico.

Negligente na manutenção, na gestão e na fiscalização, o governo até agora foi salvo pelas turbulências na economia. Nos últimos anos, os ajustes no setor elétrico têm se dado pelo baixo crescimento da demanda, quando o desejável é que ocorram pela expansão da oferta. Mas a atual sobra de energia pode mal resistir ao curto prazo.

Pelas projeções da Aneel, neste e nos próximos dois anos teremos energia nova suficiente para fazer frente à expansão do consumo, que cresce ao ritmo de 3 mil MW anuais. Mas já em 2012 há apenas 900 MW realmente firmes e outros 1.835 MW sob ameaça (ambiental, jurídica etc). Para 2009, no início do ano a Aneel dava como certa a adição de 4.263 MW ao parque, mas até setembro

(dado mais recente disponível) só metade disso se concretizou. Vale ter presente também que 2008 marcou o ano de mais baixa expansão do parque gerador brasileiro desde 1997. Riscos, como se pode ver, existem e não são desprezíveis.

### **Energia mais cara e suja**

Para piorar, a matriz energética brasileira deve tornar-se mais cara e poluente, com base no caminho trilhado a partir do novo modelo. Um terço da expansão da oferta até 2013 virá de usinas térmicas movidas a óleo. Num horizonte mais amplo, até 2017, prevê-se a entrada em operação de 81 térmicas, mais que dobrando o número atual. Dependendo do cenário, a emissão de gases de efeito estufa poderá ser multiplicada por cinco na próxima década.

Como os leilões dos próximos quatro anos estão concentrados em energia térmica, os valores praticados pelo sistema devem subir, embora o modelo atual propugne a busca pela "modicidade tarifária". O custo médio de geração deve aumentar 22% até 2015 em relação aos níveis atuais. Como se não bastasse, a maior parte do que é pago pelos consumidores nas contas de luz são tributos e encargos, muitos deles também seguidamente majorados na gestão Lula.

A bordo do modelo Dilma, o governo do PT tem preferido ignorar alertas e evitado dar soluções para questões fundamentais para que os investimentos deslanchem. Uma das fragilidades está na renovação dos contratos de concessão, até hoje sem regras claras e definidas. A partir de 2015, o país terá 20% da geração e 84% do sistema de transmissão com possibilidade de voltar ao poder concedente: são 18 usinas geradoras, 37 distribuidoras e 73 mil quilômetros de linhas de transmissão de energia. Mas a gestão Lula preferiu deixar o abacaxi para o próximo governo, e agora torce para que até lá não seja atropelada por novos apagões como o que levou o Brasil às trevas no fatídico 10/11.



"Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV" é uma publicação quinzenal do Instituto Teotônio Vilela.

---

INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA – [www.itv.org.br](http://www.itv.org.br)

Instituto Teotônio Vilela . Senado Federal Anexo 1 - 17º andar - Sala 1707 . CEP 70165-900 . Brasília – DF . Tel.: (61) 3311-3986 / 3311-4338 / 3224-5282 / 3323-7990 . Fax: (61) 3311-3891 . e-mail: [itv@itv.org.br](mailto:itv@itv.org.br) . site: [www.itv.org.br](http://www.itv.org.br)